

17-06-2021

## Uma rua para Gisberta

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Vi-me surpreendido neste espaço de opiniões no dia 16 d'abril deste ano quando vi um texto sobre Gisberta.

O colunista Sr. Ernani Costa Mendes por aqui discorreu sobre uma personagem brasileira muito importante em Portugal. Contava-nos o Sr. Ernani, aliás com bela fluidez literária, um pouco da história de Gisberta.

Esta, para fugir da violência contra a homo e a transfobia em Brasil, cá abrigou-se, como a buscar um refúgio contra o medo de suas legítimas escolhas, crendo que estaria a salvo da ignomínia covarde da discriminação de gênero. Em seu relato, o nobre colunista invoca a música de nosso compatriota Pedro Abruñosa: “Balada de Gisberta”. Na interpretação de sua própria música, ao som do piano, Abruñosa resgata magnificamente a dignidade perdida de Gisberta (oíça). Roberto Figueirinhas, transformista, assim conta de sua amiga Gisberta, ao conhecê-la. *“Sempre que aparece uma cara nova chama a atenção. Nós vimos uma rapariga loira, muito espampanante, calças de ganga, texanas, brasileira. Começamos a conversar e ela diz-nos que é transexual”* Algumas lembranças de Figueirinhas mostra um pouco do jeito de ser de Gisberta: *“...Punha um vestido cor de rosa, com um laço atrás. Uma taça de champanhe. Não usava peruca, usava o cabelo dela para fazer o penteado. E ria-se muito.”* *“Ela tinha dois cãesinhos Yorkshire Terrier: um era o Leonardo, o outro não me lembro. Durante o dia ela passeava-os muito. Falava muito deles. Um dia ela abriu a porta de casa e os cães fugiram e foram atropelados. Aquilo foi um grande trauma para ela, até se afastou um bocado das pessoas.”*

.....

Nuno Lima, enfermeiro que acompanhou Gisberta no Espaço Pessoa, de apoio a pessoas com trabalho sexual, relembra: *“Ela era uma transexual que se movia muito nas discotecas boas da moda no Porto, como o Swing. Era uma mulher muito bonita. Se a visse na rua, era uma mulher bem maquilhada, boa roupa, bons sapatos.”*

Depois, doente, foi perdendo sua exuberância e ficando triste. Continua Lima: *“Passou de uma mulher muito bonita, glamorosa e a viver bem, para uma mulher que acabou já com roupas rasgadas, sem maquilhagem, já nem usava tacões, cortou o cabelo quase à rapaz, vestida à homem.”* *“Nós temos sempre que respeitar a vontade do utente. ... Eu estou a falar disto e até me emocionou, já passaram tantos anos...”*

O desfecho, já assinalado pelo Sr. Ernani, é conhecido. Enferma, maltrapilha e moradora de um prédio abandonado na cidade do Porto, Gisberta foi cruelmente torturada durante dias e, enfim, assassinada por 14 adolescentes. Os jovens eram alunos da Escola Augusto César Pires de Lima e da Oficina São José, instituição da Igreja Católica que encerrou suas atividades de ensino após denúncias de abusos sexuais e desvios de dinheiro. Seu assassinato, ocorrido a 22 de fevereiro de 2006, originou, em julho do mesmo ano, a primeira Marcha de Orgulho LGBT do Porto, simultaneamente ao início do julgamento dos jovens. Desta marcha emanaram manifestações e exigências de respeito aos direitos humanos, em especial aos direitos dos homo e transsexuais.

.....

Pois cá estou a tentar alguma informação adicional ao caso trazido pelo Sr. Ernani para ressaltar que algumas leis portuguesas foram promulgadas, desde Gisberta. Alguns avanços, mas longe de chegar ao respeito do Estado português e de sua sociedade com as legítimas escolhas de seus cidadãos e cidadãs. Comparo, em tom jocoso, que gays brasileiros são sambistas e cá em Portugal são fadistas. Isto me parece demarcar um pouco a diferença da alegria ou da tristeza na luta contra a discriminação. Minha principal motivação nesta breve narrativa foi a recente notícia de que corre uma petição até julho do corrente ano para que, talvez finalmente, Gisberta tenha seu nome estampado numa rua da Cidade do Porto. A memória do crime é a única salvaguarda do crime do esquecimento. Pois que desde 2010 intenta-se isto que não chamarei de homenagem e, sim, de reconhecimento. Após várias tentativas, está finalmente a parecer que virá o reconhecimento.

Além de conclamar meus alunos a assinar a petição tenho estado a falar com meus amigos do surf. Sabemos todos que o surf gay ainda é um tabu no circuito.

A iniciativa do surfista australiano Thomas Green de criar uma rede “homo” conta com 3 mil inscritos de 81 países. Mas, pelo que vejo, ainda existe um preconceito muito grande no mundo hetero do surf. Assim como o há entre outros esportes, principalmente futebol e basquete masculinos. Vamos a ver. Uma tese de mestrado recente da antropóloga Raquel Afonso, na Universidade Nova de Lisboa, nos faz conhecer que, durante a ditadura salazarista, homossexuais eram considerados criminosos e doentes. Claro está que sabemos vir de longe o estigma, mas o que nos faz espantar é sua permanência secular, inclusivamente com recrudescimentos, como o que estamos a observar de um novo despertar do fascismo em vários países, em especial no Brasil. A ver. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.